

Duas Passagens pelo Afeganistão, Separadas por Vinte Anos e Dois Exércitos

Major Eero Kinnunen, Forças de Defesa da Estônia, e
Tenente-Coronel Lester W. Grau (Reserva), Exército dos EUA

As opiniões expressas são dos autores e não são necessariamente as do Governo dos EUA ou do Governo da Estônia.

O Major Kinnunen é um infante durão, magro e de fala mansa, cujo olhar nem sempre corresponde ao sorriso que tem nos lábios. Completou, recentemente, sua segunda passagem pelo Afeganistão, algo não propriamente incomum, exceto pelo fato de que a primeira vez foi há mais de vinte anos, com o 40º Exército Soviético. Esta é sua história.

SOU UM ESTONIANO oriundo de uma pequena cidade localizada a aproximadamente 250 quilômetros a sudeste de Tallinn. Em 1985, depois de concluir o segundo grau, comecei minha formação universitária. A primeira parte do curso consistiu em passar um mês colhendo batatas em uma cooperativa agrícola soviética. Naqueles tempos, o Estado interrompia todos os tipos de atividades para que estudantes, militares, pensionistas e operários de fábricas pudessem “servir voluntariamente”, ajudando na colheita. Éramos ceifeiros medíocres, mas tínhamos ótimas festas. Ao retornar da colheita, fui recrutado para o serviço militar obrigatório.

Geralmente, os universitários tinham seu serviço militar adiado até a formatura, quando poderiam servir como oficiais da Reserva. No

entanto, havia uma guerra em curso e não me foi concedido esse tipo de benefício. Fui designado para as Forças Especiais soviéticas (*Spetsnaz*) e enviado a Chirchik, no Uzbequistão, que fica perto de Tashkent. Chirchik tinha um centro de instrução de montanha e uma grande base aérea. A maioria dos nossos polígonos de tiro e áreas de treinamento ficava nas montanhas. Não tenho ideia de como acabei na *Spetsnaz*, mas provavelmente teve algo a ver com os esportes que pratiquei na escola (handebol, esqui *cross-country* e corrida de orientação). O processo de seleção começava aos 16 anos de idade, quando você era solicitado a listar suas preferências à comissão de recrutamento. Optei pelas Forças aeroterrestres. Meus conhecimentos do idioma russo não eram tão bons quando comecei, mas melhorei durante os seis meses de treinamento em Chirchik — um treinamento bom, mas muito difícil —, tanto mental quanto fisicamente. Treinamos para tudo o que nos seria exigido no Afeganistão — patrulhas de longo alcance, emboscadas, incursões e reconhecimento. Helicópteros nos deixavam nas montanhas, e tínhamos de cumprir nossa missão de emboscada ou de incursão e descobrir nosso próprio caminho de volta.

O Primeiro Turno

A maioria dos *Spetsnaz* que serviam no Afeganistão era conscritos, mas os seis difíceis meses de treinamento haviam feito muito pelo

O Major Eero Kinnunen esteve em missões de combate no Afeganistão por duas vezes, uma com as Forças Especiais (Spetsnaz) do 40º Exército soviético, e outra como o comandante da companhia da Estônia que integra a Força Internacional de Assistência à Segurança, da OTAN. Nas duas ocasiões, combateu na região de Kandahar.

Lester W. Grau é analista sênior do Escritório de Estudos Militares Estrangeiros (Foreign Military Studies Office) no Forte Leavenworth, no Kansas. Ele passou para a Reserva do Exército em 1992, depois de ter servido em lugares como o Vietnã, a Península Coreana e a Europa, incluindo um cargo em Moscou. Ele já publicou mais de 50 artigos e 5 livros sobre o Afeganistão, incluindo The Bear Went Over the Mountain. O Dr. Grau possui os títulos de bacharel e mestre em Relações Internacionais e o de doutor em História Militar.



Foto à esquerda: O soldado Eero Kinnunen, aguardando o helicóptero que o transportaria de volta à base, após uma operação no deserto Registan, Dez 1986. Foto à direita: O Major Eero Kinnunen, Comandante de uma Companhia de Infantaria em Helmand, no Afeganistão, 21 Mar 08.

nosso adestramento. Durante a formação, nosso primeiro sargento (um especialista, bastante antigo) exaltou os feitos de nossos antecessores e nos disse para nos inspirarmos neles. Não tínhamos a mínima ideia de onde iríamos servir no Afeganistão, mas a equipe de treinamento nos dizia que “Se eles os enviarem a Kandahar, podem se enforcar, porque aquilo ali é um verdadeiro inferno”. Fomos divididos em vários grupos e enviados ao campo de aviação em Tashkent para esperar por nossa aeronave. Já era noite quando o meu avião decolou e aterrissamos em meio à escuridão, entre três e quatro da manhã. A aeronave sequer cortou os motores e retornou imediatamente a Tashkent. Não havia ninguém para nos receber. Nós nos sentamos ao lado da pista para esperar. Algumas horas depois, o sol nasceu e começamos a nos sentir como se estivéssemos em um forno. Uma viatura chegou e apanhou os oficiais do nosso grupo. Perguntamos que lugar era aquele. Estávamos em Kandahar.

Outras viaturas chegaram, e os representantes dos batalhões começaram a escolher seus novos

integrantes. Os russos em boa forma física foram escolhidos primeiro. Os soldados da Ásia Central foram escolhidos por último. Havia, com certeza, um preconceito racial no processo de seleção. Eu era o único estoniano e fui escolhido logo depois dos russos. Descobri que, daquele momento em diante, eu pertencia ao 173º Batalhão de *Spetsnaz*, que estava sediado em uma área da base aérea de Kandahar, separada da 70ª Brigada Independente de Fuzileiros Motorizados, a principal tropa de combate da base. O aquartelamento era composto por barracas e, mais tarde, por construções modulares, de compensado. A comida era horrível. O suprimento de água, limitado.

Nós, que éramos novatos, tínhamos mais ou menos um mês para nos “adaptarmos”. Fomos muito ao polígono de tiro, realizamos treinamentos de pequenas frações e fizemos várias marchas. Podíamos atirar o quanto quiséssemos. Isso era muito diferente do que se fazia na União Soviética, onde a munição era limitada e rigorosamente controlada. Nosso comandante de pelotão conduziu uma missão de ensaio para pôr à

prova nossas capacidades. Fomos a áreas seguras nas montanhas e no deserto, enquanto ele avaliava nosso desempenho sob pressão. Na maioria das vezes, nós nos movimentávamos durante a noite. Quando o comandante de pelotão se convenceu de nossa capacidade, nós nos juntamos ao restante do batalhão, para participar das operações reais.

Nossas missões ocorreram dentro de um raio de 200 km da base aérea de Kandahar. Atuamos no deserto de Registan, ao sul; na Província de Helmand, a oeste; nas montanhas, ao norte; e junto à fronteira paquistanesa, a leste. Fizemos muitos deslocamentos terrestres a pé ou em nossas viaturas blindadas de infantaria. Conduzimos missões de bloqueio e de preparação, em apoio à 70ª Brigada. Quando nos deslocávamos, os militares com mais experiência iam à testa da coluna. Nossa missão principal era localizar e interditar comboios *mujahedin*. Realizávamos isso por meio de emboscadas, incursões, patrulhas e reconhecimento aéreo, com helicópteros. As emboscadas e as incursões eram conduzidas contra alvos sobre os quais dispúnhamos de boa Inteligência. Os reconhecimento aéreo eram executados em áreas onde o terreno nos era familiar, onde conhecíamos os horários mais comuns de deslocamento do inimigo, e suas táticas, e sabíamos diferenciar um comboio pacífico de um hostil. Os reconhecimento aéreo geralmente envolviam dois helicópteros de ataque e dois de manobra. Nós, da *Spetsnaz*, íamos nos helicópteros de manobra. Normalmente chegávamos a essas áreas de madrugada, ou pouco antes do crepúsculo, quando os comboios inimigos também as estavam alcançando, para mudar de esconderijo ou carregar seus suprimentos.

Quando descobríamos um comboio, nós o observávamos voando a baixa altura, para determinar seu tamanho e avaliar sua carga. Se os integrantes do comboio se comportassem de forma hostil, os helicópteros armados os destruíam. Se a reação era pacífica, as aeronaves de manobra pousavam à frente e atrás do comboio e conduzíamos uma busca detalhada. Os helicópteros armados mantinham-se em sobrevoo, prontos para apoiar nossa evacuação e retraimento, se fosse necessário. Tínhamos muito êxito com essa técnica. Fazíamos o menor número de prisioneiros possível, pois prisioneiros precisam de guardas. Sempre tínhamos entre

cinco e dez prisioneiros, que ficavam conosco por mais de seis meses. Quando finalmente o quartel-general superior os recolhia, eram entregues ao governo afegão — que, via de regra, os libertava. Era mais fácil, portanto, soltá-los imediatamente após sua detenção, com uma advertência.

Fora isso, tínhamos pouco contato com o povo. Mas tínhamos um intérprete designado para a nossa Unidade. Era um jovem tenente praticamente sem nenhuma experiência militar, que acabara de se formar em um instituto de idiomas. Ele havia estudado dari, mas a população em nossa área falava pashtun. Ele teve pouca oportunidade de melhorar suas habilidades com o idioma. Se o povo nos avistava durante uma missão, nós nos deslocávamos. Quando as pessoas viam helicópteros sobrevoando determinada área, sabiam que provavelmente nossa tropa terrestre estava ali por perto. Elas vinham, então, à nossa caça. Usavam principalmente os nômades *kochi* como seus batedores. Esses nômades eram pastores que moviam seus rebanhos de ovelhas ou cabras lentamente pela área, buscando nos localizar. Às vezes, moviam três ou quatro rebanhos pela mesma área enquanto procuravam por nós.

Quando éramos localizados, era a vez dos *mujahedin* armados. Nossa primeira reação era nos deslocarmos, buscando manter uma distância de dois ou três quilômetros para evitá-los ou para sermos evacuados por aeronaves. Se a situação ocorresse à noite, os helicópteros não poderiam vir e tínhamos de preparar posições fortificadas e enfrentar o inimigo até o amanhecer. Nesse



O soldado Eero Kinnunen no polígono de tiro, nos primeiros meses de 1987.

Foto do autor

terreno, as comunicações eram um problema constante. Em várias ocasiões, não conseguíamos estabelecer comunicações com nosso quartel-general e o inimigo acabava nos pressionando fortemente. Quando tínhamos boas comunicações, podíamos receber apoio aéreo aproximado, algo sempre bem-vindo. Ao contrário do que acontecia com os helicópteros de transporte, o apoio aéreo aproximado estava sempre disponível. Os *mujahedin* raramente rompiam o contato sem a intervenção do nosso apoio aéreo aproximado. Sempre atuávamos além do alcance da nossa artilharia de apoio orgânico.

Nossas missões típicas tinham duração de três ou quatro dias. As patrulhas no deserto e nas montanhas eram particularmente difíceis. No deserto, não tínhamos de esquentar nossas rações. Apenas as colocávamos ao sol e logo estavam prontas. Normalmente, nos deslocávamos com um destacamento-ponta composto por três militares experientes, que estavam prestes a voltar para casa. Eles se deslocavam a aproximadamente um quilômetro à frente do grupo. Quando me tornei antigo na missão, eu detestava ter de executar essa tarefa, mas muitos a disputavam.

Nosso serviço de guarda tinha de se preocupar não só com os mujahedin, mas também com o pessoal dos outros batalhões soviéticos, que vinha em busca de peças “sobressalentes”, retirando-as de nossas viaturas.

Nas *Spetsnaz*, nós estávamos bem armados e equipados. Tínhamos todos os tipos de *Kalashnikovs* com silenciadores, fuzis de precisão, lança-rojões chineses com bipé, lançadores de granadas automáticos *AGS-17* e metralhadoras *.50 NSV*. Nosso equipamento rádio também era de primeira classe. O pessoal no destacamento-ponta ia com pouco peso, portando um *Kalashnikov*, um

cantil, alguns carregadores e granadas. O grosso da tropa atuava como mulas de carga. Carregava as metralhadoras *.50 NSV* e os *AGS-17* desmontados em seus principais componentes, bem como a pesada munição que esses armamentos requeriam. Os sapadores conduziam minas e explosivos, os rádio-operadores levavam seus equipamentos de comunicações. Ao contrário dos *mujahedin* que tinham mulas, burros e camelos, nós carregávamos tudo em nossas costas — não era incomum alguém carregar 45 quilos em equipamento. Não usávamos os coturnos padronizados pelo Exército, pois eram inadequados para o terreno. Eu consegui um par de tênis.

Minha companhia tinha *BMPs* [viatura blindada para transporte de pessoal sobre lagartas, *Boyevaya Mashina Pekhoty*]. As outras companhias de manobra do batalhão tinham *BTRs* [viatura blindada para transporte de pessoal sobre rodas, *Bronetransporty*]. Nossas companhias se revezavam entre tarefas internas, preparação para as missões e as missões propriamente ditas. As tarefas na sede incluíam o serviço de guarda e atividades rotineiras de uma base militar. Nosso serviço de guarda tinha de se preocupar não só com os *mujahedin*, mas também com o pessoal dos outros batalhões soviéticos, que vinha em busca de peças “sobressalentes”, retirando-as de nossas viaturas. Quase não tínhamos atividades de lazer. Havia uma sauna, mas como estávamos no deserto, não precisávamos de ajuda alguma para suar. Tínhamos uma área de exercícios ao ar livre com algumas barras de flexão e barras paralelas, mas muito pouco além disso. A correspondência chegava com regularidade. Recebíamos um salário de 15 a 20 rublos por mês (aproximadamente 20 a 25 dólares).

O Primeiro Combate

Depois de nosso período de adaptação, meus primeiros três dias de combate real serviram para me dar uma ideia de como eram as ações dos *Spetsnaz* na área de Kandahar. Vinte homens embarcaram em dois helicópteros *Mi-8MT* e decolaram ao final da tarde. Era início do outono. Tínhamos metralhadoras leves *RPK*, três metralhadoras *PK*, um lançador *AGS-17*, fuzis 7,62 mm de cano curto com silenciadores, fuzis *AKS-74* 5,45 mm de cano curto e um fuzil para atirador de

Eu podia ver meus disparos atingindo a lateral da viatura. Não era uma simples camionete. A viatura passou por toda a extensão da zona de matar e foi embora rapidamente, antes que pudéssemos lançar um foguete de iluminação para ver o que era.

Entramos na zona de matar, tentando determinar o que tinha dado errado. Encontramos dez *mujahedin* mortos ou agonizando na lateral da estrada. Levaríamos ainda várias semanas até que pudéssemos saber o que havia se passado. Alguém na área tinha um velho *BTR-40* — um caminhão blindado, construído na União Soviética, com um compartimento sem teto na parte traseira para transportar soldados¹. Provavelmente essa era a viatura que esteve em nossa zona de matar. Os *Spetznaz* raramente usavam lança-rojões em emboscadas porque nunca enfrentávamos viaturas blindadas nos comboios de guerrilheiros. Essa fora, no entanto, uma ocasião em que essa arma teria sido útil.

Ao alvorecer, os helicópteros chegaram para nos retirar. Retornamos à base aérea de Kandahar, comemos, limpamos nossas armas e dormimos. Íamos sair mais uma vez, à noite. Ao final daquela tarde, embarcamos em três helicópteros. Agora tínhamos uma força de 25 soldados, já que acrescentamos uma equipe de metralhadora .50 *NSV* de três homens e dois outros soldados do *Spetsnaz*. Fomos para nordeste mais uma vez, mas desta vez aterrissamos nas montanhas. Andamos toda a noite para alcançar um dos locais preferidos por nossa Unidade para realizar emboscadas. Nós nos posicionamos em terreno elevado em área abrigada, onde pudemos dormir um pouco, após estabelecermos postos de sentinela. No crepúsculo, nos deslocamos até o sítio da emboscada e nosso comandante de pelotão nos posicionou, designou os setores de tiro de cada homem e assegurou que cada um soubesse quem estava à sua esquerda e à sua direita.

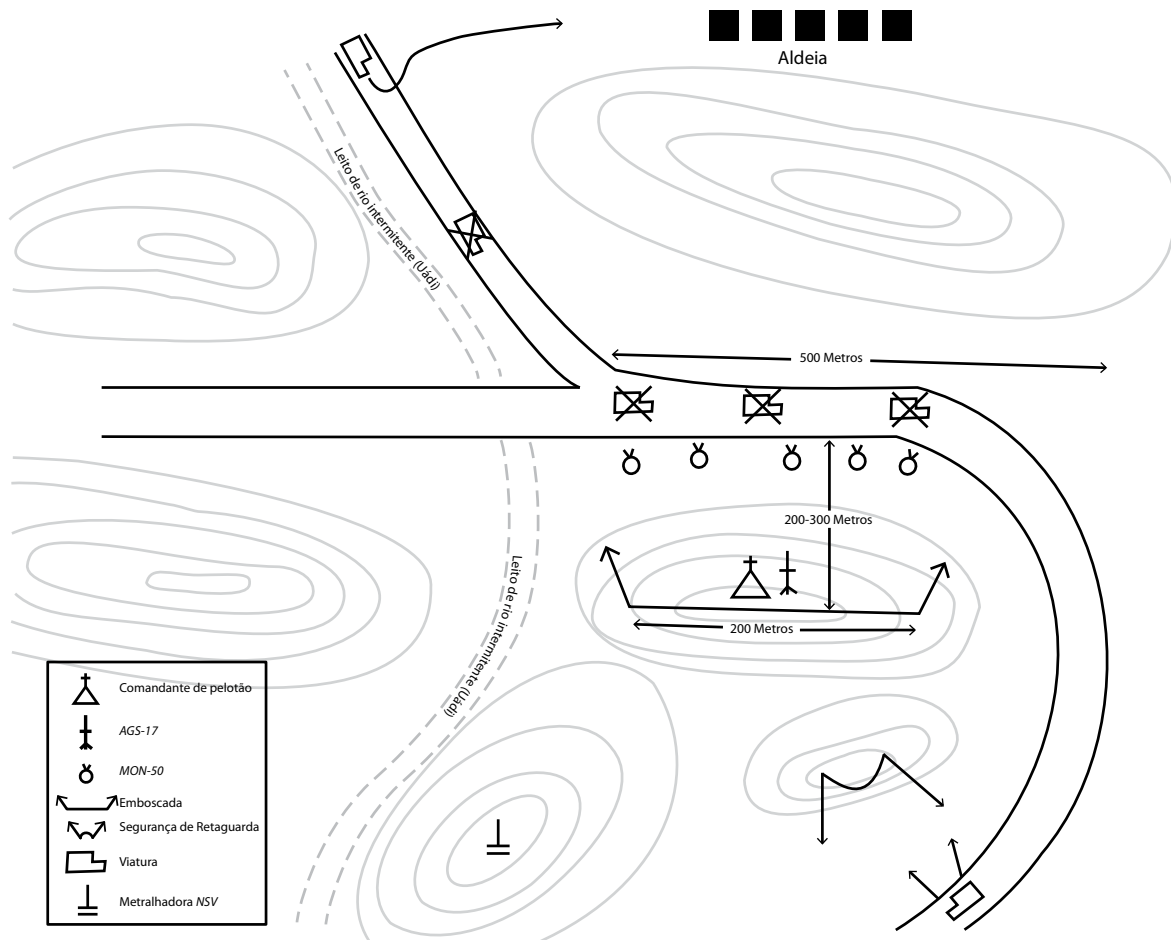


Figura 2

Meu parceiro e eu estávamos no flanco direito da posição principal de emboscada (consulte a Figura 2). Nossa zona de matar se estendia por 500 metros.

Cobrimos a zona de matar com minas direcionais *MON-50*, posicionadas para disparar em direção ao outro lado da estrada. O dispositivo tinha a posição principal entre 200 e 300 metros afastada da estrada, e a posição de *AGS-17* e do comandante de pelotão havia sido colocada junto a ela. A *NSV*, montada em um tripé, estava em terreno elevado, mais ou menos a 500 metros da estrada, de onde tinha plena visão da área. Havia um posto de observação e segurança na retaguarda, com quatro homens que nos protegiam com relação ao terreno elevado adjacente. A emboscada tinha dominância sobre uma interseção de estradas. O leito seco de um riacho corria paralelo à estrada que chegava à principal e prosseguia por uma galeria sob esta.

Uma emboscada dos *Spetsnaz* sobre uma coluna de vários veículos geralmente deixava o primeiro veículo passar porque sua função era, frequentemente, de reconhecimento. O segundo veículo era o alvo de uma arma com silenciador. Se pudessemos parar um veículo dentro da zona de matar sem alertar os veículos seguintes, eles acabariam se aglomerando. A emboscada era, então, acionada com a detonação das minas direcionais ou com o disparo do fuzil do atirador de elite. Depois disso o comandante do pelotão lançaria um foguete de iluminação e todo mundo abriria fogo contra os alvos em seu setor. O primeiro carregador deveria ser esvaziado com a arma em automático, para gerar o efeito de choque e estabelecer a supremacia de fogos. Depois disso, era “fogo livre” no setor.

Já havia lua no céu, o que permitia dirigir sem faróis e ver viaturas se aproximando, sem problemas. Ouvimos motores vindo em nossa direção. O som alto denotava o esforço nas subidas, que, logo depois, voltava a diminuir. O primeiro veículo surgiu, finalmente, passando cautelosamente por nossa zona de matar. Ele não parou e nós o deixamos passar. Ele provavelmente estava a um quilômetro à frente dos demais. Surgiu, então, o segundo veículo. Nosso Tenente o deixou atingir nosso flanco direito. A arma com silenciador não conseguiu parar esse veículo, mas as *MON-50s* sim. Um foguete de iluminação revelou três caminhões em nossa zona de matar, separados por 100 metros

entre eles. Nossa equipe de emboscada principal os destruiu. A metralhadora *NSV* eliminou um quarto caminhão que estava para entrar na via principal, vindo da estrada secundária. Outro caminhão, vendo a destruição da *NSV*, deu marcha a ré e provavelmente escondeu-se no povoado vizinho. Os *mujahedin* desembarcaram do caminhão de

Muitos de nós, veteranos, tínhamos problemas para nos readaptarmos à sociedade soviética.

reconhecimento, que estava à frente, e tentaram atacar nossa emboscada pela retaguarda, mas nossa equipe de segurança conseguiu detê-los.

Entramos na zona de matar. Havia dez guerreiros mortos. O carregamento incluía munição, roupas e equipamento militar. Recolhemos suas armas e queimamos ou explodimos o restante. Um dos caminhões estava completamente carregado com foguetes de 107 mm. Com o fogo, os foguetes explodiram e se espalharam em todas as direções. Tivemos um show de fogos de artifício de graça, vendo os foguetes desenhando no céu. Não tivemos qualquer outro contato com o inimigo naquela noite. Nós solicitamos o retraimento ao amanhecer, mas como os pilotos dos helicópteros avaliaram que nossa posição era muito perigosa, tivemos de atravessar a montanha a pé, portando nosso equipamento e as armas inimigas capturadas². Por fim, embarcamos em nossas aeronaves e voltamos à base aérea de Kandahar.

A tropa *Spetsnaz* não ficava muito tempo na base. Passávamos mais tempo em emboscadas e incursões. Algumas davam certo, outras não. E muitas vezes, não acontecia nada. Meu ano e meio passou. Em 09 de novembro de 1987, peguei um avião de Kandahar a Tashkent. Eles me deram uma passagem de trem para casa e 100 rublos como pagamento pela dispensa do serviço. Troquei a passagem de trem por dinheiro e, acrescentando isso ao meu pagamento, comprei uma passagem aérea para a Estônia. Eu era um veterano, pronto para voltar à vida civil. Não queria ver Kandahar nunca mais.



O Major Kinnunen, tendo a seu lado o rádio operador, um intérprete, o oficial de ligação britânico e um sargento de Inteligência, conversa com um pastor; próximo a Now Zad, Helmand, Afeganistão, 21 Mar 08.

O Segundo Turno

O ajuste à vida civil não foi fácil. Foi bom estar em casa e voltar à universidade, mas agora meus estudos não pareciam relevantes à minha vida. Muitos de nós, veteranos, tínhamos problemas para nos readaptarmos à sociedade soviética. E muitas coisas estavam mudando na União Soviética. Havia muita confusão. Como veteranos, tínhamos certos privilégios, mas não éramos tratados como os veteranos da Grande Guerra Patriótica (Segunda Guerra Mundial). Éramos geralmente ignorados e acabávamos buscando a companhia de outros veteranos. Por dois anos, sonhamos com o dia em que nossos compatriotas nos saudariam e dedicariam homenagens. Então, veio a desintegração da União Soviética e os novos políticos estonianos (a maioria ex-autoridades soviéticas) passaram a questionar por que nós tínhamos ido combater, antes de qualquer coisa. Aos veteranos estonianos do Afeganistão não eram concedidas honrarias ou outorgados privilégios. Eu abandonei a faculdade e trabalhei em uma série de “bicos”. Acabei voltando ao Exército, como

recrutador. Depois de vários meses de trabalho, fui enviado a uma escola de formação de oficiais, por seis meses. Depois de me formar, frequentei o curso de Infantaria e passei a servir em várias funções dessa Arma, nos anos seguintes.

O Exército estoniano se esforçou para se ver livre de todos os vestígios dos dias de dominação soviética. No início, oficiais que haviam recebido formação soviética eram comuns, mas os oficiais de formação estoniana agora são a norma, exceto nos escalões mais altos. O Exército estoniano substituiu seu equipamento soviético por equipamento ocidental — viaturas de transporte de pessoal blindadas finlandesas, obuseiros alemães e finlandeses, metralhadoras suecas e finlandesas e os fuzis de assalto israelenses *Galil* e suecos *AK-4*. Toda munição segue o padrão OTAN. A Força Terrestre principal é uma brigada. Dois batalhões dessa Brigada são integrados por conscritos, enquanto o terceiro tem somente soldados voluntários. Esse batalhão profissional foi empregado em missões externas na Bósnia, no sul do Líbano, no Kosovo, no Iraque e no Afeganistão.

Fui comandante de companhia nesse batalhão por três anos, antes de ser empregado em operações. Em 09 de novembro de 2007, minha companhia foi desdobrada no Afeganistão. Chegamos exatamente no dia em que completei 20 anos de minha primeira passagem por aquelas terras. E, claro, fui parar em Kandahar.

A base aérea tinha mudado radicalmente. As instalações militares e a comida eram ótimas; havia uma academia, uma grande cantina, lojas de café e entretenimento e recreação. Mas, claro, minha companhia não ficaria em Kandahar.

Fomos integrados à 52ª Brigada de Infantaria britânica. Deslocamo-nos para o *Camp Bastion* em Lashkar Gah. Passamos duas semanas em treinamento. Os britânicos tinham terminado operações de limpeza na área do Vale Sangin e planejavam retomar a cidade de Musa Qalah, que estava sob o controle do Talibã — um ponto logístico e de transferência de drogas, tradicionalmente problemático. Queriam ter uma grande Força inglesa disponível, mas os britânicos na área estavam dispersos, guarnecendo as cidades de Sangin e Now Zad e a represa de Kajaki. A minha companhia substituiu a tropa britânica que guarnecia Now Zad. A minha Unidade de apoio logístico estava no *Camp Bastion*. As instalações destinadas à minha companhia eram choupanas de barro, muito ruins, mas os britânicos haviam deixado pessoal de Engenharia de combate, um pelotão de morteiros 81 mm e uma tropa de apoio em Now Zad. Eles preparavam as refeições para o nosso acampamento. Os britânicos também nos proporcionavam apoio aéreo aproximado, tendo nos enviado um controlador avançado de apoio aéreo e de artilharia.

Os rodízios de tropa do Exército estoniano duram seis meses. Aproximadamente a metade de minha Unidade já havia sido empregada antes; alguns deles a esta altura, devem ter oito ou mais missões no exterior. Três de meus homens eram veteranos no Afeganistão, dos tempos soviéticos. Tínhamos conosco nossas viaturas blindadas de transporte de pessoal finlandesas, *Sisu Pasi XA-180*.

Meu superior imediato era o Tenente-Coronel Stuart Birrell, o Comandante do 40º Batalhão Real de Comandos, dos Fuzileiros Navais britânicos. Durante uma entrevista para uma emissora de televisão da Estônia, ele descreveu nossa missão:

Desde que a última companhia estoniana chegou, nós temos mais bases de operações avançadas e atuamos mais nas zonas verdes e nas cidades. Agora há menor necessidade de Unidades de manobra no deserto. O que precisamos é estar presentes nas áreas urbanas, já que as populações estão nas cidades. Now Zad é uma área onde sabemos que há uma população enorme, mas ainda não nos aproximamos dela. Então vamos empregar os estonianos para falar com os habitantes e tentar trazê-los para o nosso lado. O risco de sofrermos ataques é considerável por toda a área no norte de Helmand. O Talibã ainda está presente e Now Zad está sujeita a ataques regulares. Até agora, os estonianos têm mantido a iniciativa e levado o combate ao inimigo, o que tem sido excelente e tem mantido o Talibã na defensiva³.

A missão principal de minha companhia era manter Now Zad seguro e aferrar as Forças do Talibã no local, para que não pudessem reforçar Musa Qala. O Talibã tinha transformado Musa Qala em uma zona fortificada com posições



O Major Kinnunen com seu rádio operador, perto de Now Zad, na Província de Helmand, no Afeganistão, 21 Mar 08.

Exército estoniano, Cap Georgi Kokoshinski

e trincheiras de combate bem construídas. Os civis tinham saído da cidade. Quando o combate começasse, esperávamos que o Talibã fosse tentar enviar reforços a Musa Qala e, por isso, realizávamos patrulhas e emboscadas para ameaçar o controle local do Talibã e impedir que deixasse a área.

Esta minha passagem pelo Afeganistão foi muito diferente da primeira. A minha companhia defendia duas posições fora do povoado semi-abandonado de Now Zad. A aldeia, que fica entre as montanhas em uma ampla planície, é um labirinto de complexos de muros altos e estradas de chão, mas a área mais desafiadora é a zona verde do lado leste da cidade e no outro lado do uádi [leito de rio intermitente — N. do T.].

Uma “zona verde” é uma área agrícola verdejante e fértil com canais de irrigação que abastecem pequenos terrenos cercados, cheios de vinhedos, papoulas, maconha, cebola, melões,

romãs, noqueiras e trigo. Essas zonas verdes são mais do que regiões agrícolas. São zonas fortificadas para uma defesa passiva. O Talibã conta com abrigo e liberdade de movimento atrás dos muros altos de adobe que flanqueiam o uádi e protegem as propriedades particulares. O Talibã adaptou essas zonas verdes para a defesa em posição. Eles abriram pequenas seteiras de tiro nas paredes, posicionaram suas metralhadoras com setores de tiro que se recobriam e estabeleceram posições de tiro alternativas e várias posições para aprofundamento da defesa, por toda a área. Eles reforçaram essas posições com um sistema integrado de casamatas e trincheiras. Essas casamatas com grossas paredes de adobe provaram ser resistentes a explosivos e morteiros, de certa forma. Além das metralhadoras e das armas portáteis, o Talibã dispunha de lança-rojões, foguetes e morteiros de 60 mm e 82 mm.

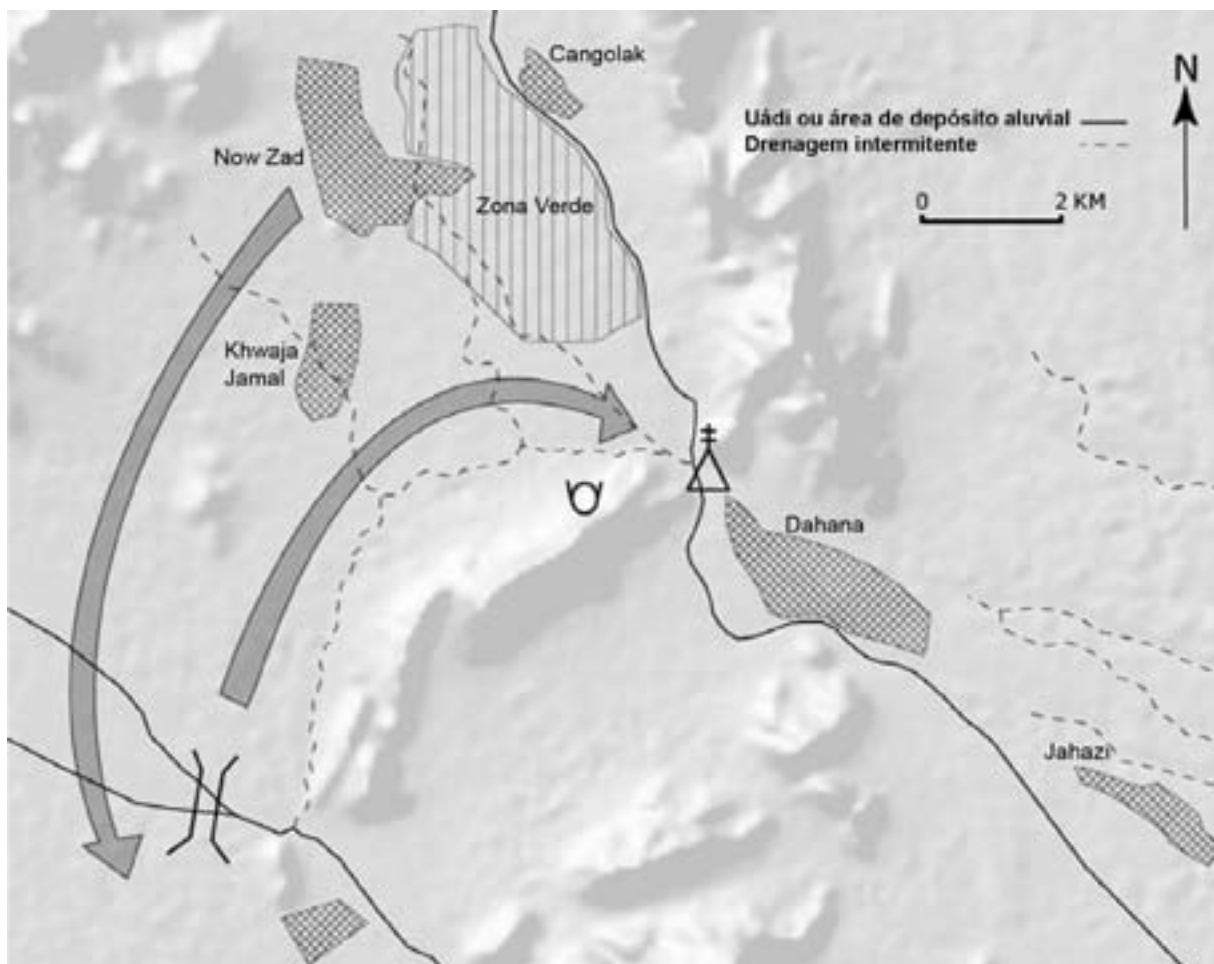


Figura 3

Passei a empregar patrulhas nas aldeias e nas zonas verdes. Coloquei minhas viaturas blindadas de transporte de pessoal em posições afastadas, tentando manter no mínimo 500 metros entre elas e as eventuais posições de tiro de lançadores. Sempre demos grande importância à segurança dos flancos das minhas patrulhas. O terreno afegão absorve rapidamente todo o poder de combate disponível, particularmente nas zonas verdes. Normalmente, após termos logrado passar pelos primeiros dois ou três complexos murados — muitas vezes com a ajuda de morteiros e ataques aéreos — ficávamos com o nosso poder de combate esgotado. Era, então, hora de iniciar o retraimento. Mesmo quando não tínhamos estabelecido contato com o inimigo na entrada, tínhamos contato durante o retraimento. O Talibã sempre dava início a uma perseguição. Buscavam ficar próximos de nós o suficiente para que não pudéssemos empregar nossos morteiros com sucesso. Também procuravam mostrar aos habitantes locais que eles ainda tinham o controle. O truque era começar a minha retirada antes que o Talibã pudesse detectá-la; estabelecendo uma base de fogos ao mesmo tempo em que eu começava a reduzir o número de elementos avançados e a retirar a proteção dos flancos. Só então eu retirava os grupos de combate.

O segredo da guerra de guerrilha está na manutenção dos eixos de progressão, de retraimento e de comunicações. O chefe da guerrilha e o comandante da contrainsurgência tentam interditar um as linhas do outro. Consequentemente, a guerra de guerrilha é uma luta em que os dois lados tentam impedir a logística do outro. Normalmente, Now Zad era reabastecida por um comboio de caminhões a cada mês, com suprimentos complementares transportados como carga externa nos helicópteros *Chinook*, nos intervalos entre a chegada dos comboios. Ainda durante os combates em Musa Qala, os britânicos planejaram enviar um comboio de suprimentos até a cidade. Para apoiá-los, executei uma finta. Desloquei minha Companhia para uma área ao sul de Now Zad e passei a prover segurança junto a um ponto de travessia do uádi, como eu geralmente fazia quando o comboio de caminhões vinha à cidade (veja a Figura 3). Quando o comboio chegou a uma junção de uádís ou estradas mais ao sul (os uádís são ótimas alternativas para as

estradas), ele virou para o nordeste, em direção a Musa Qala. Rapidamente desloquei minha subunidade para ocupar o terreno que dominava o povoado de Dahana pelo sul — o qual está situado em um desfiladeiro, a aproximadamente seis quilômetros de Now Zad. Isso, obviamente, atraiu o Talibã para minha área, e eles passaram a disparar foguetes de 107 mm contra nós, a partir de Dahana. Estabeleci um ponto de controle de trânsito e meu posto de comando no Desfiladeiro de Dahana.

A partir dessa posição elevada, pude controlar o movimento na área. Eu também pude constatar que o Talibã havia estabelecido seu próprio posto de controle a uma distância de quatro ou cinco quilômetros, na aldeia de Cangolak, que estava sob seu controle. Esse posto parava todos aqueles que estivessem indo para o sul. No entanto, o comboio que eu apoiéi continuou seu movimento para Musa Qala, sem ser perturbado. A dissimulação é difícil em um ambiente onde o inimigo pode ver todos os seus movimentos, mas é importante — e possível.

Eu tive muito mais contato com os afegãos durante minha segunda passagem. Dispúnhamos de três intérpretes afegãos fornecidos pelos britânicos. Nós nos reuníamos regularmente com os líderes das aldeias locais. Durante o verão éramos bem recebidos. As crianças pediam balas, e as pessoas ficavam felizes em nos ver. No inverno, as crianças desapareciam, e nós não éramos tão bem recebidos. Entendemos que o Talibã ocupava as aldeias durante o inverno. No entanto, as regras de engajamento da OTAN nos impediam de buscá-los. Eu era responsável pela execução de patrulhas de presença e por realizar reuniões com moradores locais, em um raio de dez quilômetros em torno de Now Zad (tive de diminuir essa distância para seis quilômetros, no norte, caso contrário teríamos enfrentado sério engajamento em combate na zona verde que havia ali). Conduzimos *shuras* em Now Zad, e por três vezes, recebi solicitações de participantes para estabelecermos acordos de cessar-fogo e para garantirmos áreas livres de combate. O problema, claro, era identificar Talibãs infiltrados no grupo e, portanto, eu não podia conceder essas áreas liberadas. Sabíamos que os acordos de cessar-fogo eram obviamente planejados para permitir que a colheita de drogas

fosse executada sem impedimentos. Havia dois diferentes grupos de talibãs em nossa área: o dos membros locais, que eram combatentes querentes, mas mal treinados; e os do Talibã estrangeiro, que falavam um dialeto diferente e eram mais bem treinados. Este último grupo incluía aqueles que posicionavam os dispositivos explosivos improvisados na beira das estradas. A maioria desses dispositivos tinha peças iranianas e nos pareceu que todos haviam sido fabricados na mesma instalação.

Deixamos a área em maio. Outra companhia estoniana de meu batalhão nos substituiu, portanto a transição foi fácil. O comandante era um amigo meu. Os estonianos fizeram a diferença durante seu tempo em Now Zad. O Talibã já não é capaz de exercer a mesma grande influência que exercia no passado.

As Diferenças Entre os Dois Turnos

A primeira grande diferença está nas regras de engajamento. As regras soviéticas eram mais flexíveis — quando existiam. As regras da OTAN são muito restritivas. Elas salvam vidas de civis, mas também permitem que o Talibã viva para lutar em outra oportunidade.

O inimigo é diferente. Os *mujahedin* e o Talibã têm as mesmas habilidades básicas, mas o Talibã parece mais bem organizado. Os *mujahedin* possuíam mais armas pesadas. O Talibã tem alguns especialistas bem treinados — atiradores que podem atingir um acampamento militar de 100 a 200 metros quadrados, a uma distância de sete quilômetros, com um foguete de 107 mm, no primeiro disparo. Contudo, se o atirador foi abatido, serão necessárias várias semanas até que possam substituí-lo, com eficiência. Agora usam morteiros de 60 mm porque nossos radares contra bateria podem detectar os morteiros de 82 mm, mas frequentemente deixam de detectar os morteiros menores. Certa feita, um observador avançado do Talibã “perseguiu” a mim e a meu posto de comando com tiros de morteiros 60 mm. Ele sabia o que estava fazendo, tinha comunicações eficientes e nos manteve correndo dos disparos por um bom tempo.

Houve uma grande diferença em termos de apoio logístico e bem-estar. As instalações eram relativamente melhores durante meu primeiro

turno no Afeganistão, mas a disponibilidade de boa comida e água potável foi muito melhor durante o segundo turno. Havia dois poços em Now Zad, portanto não estávamos tão dependentes de água engarrafada. Durante o primeiro turno, não havia material de construção ou de fortificação disponível, então tínhamos de obtê-los por outros meios. Na minha segunda passagem, tínhamos as barreiras *HESCO* e todos os tipos de material de fortificação. Havia internet não sigilosa, contato diário com nossas famílias via e-mail e DVDs para nosso entretenimento. Durante o meu primeiro turno no Afeganistão, uma carta levava uma semana para chegar e não nos era permitido enviar qualquer tipo de embrulho. Ocasionalmente, o batalhão de *Spetznaz* exibia um filme ao ar livre, durante a noite.

Minha primeira experiência de combate esteve concentrada no combate ofensivo e na supressão da logística inimiga. Meu segundo turno no Afeganistão caracterizou-se por uma defesa passiva, e nosso desafio era impedir que o inimigo conquistasse a iniciativa. Nas duas oportunidades, o combate se concentrou na logística e na interdição dos eixos de progressão, de retraimento e de comunicações do inimigo. A dissimulação foi importante nas duas ocasiões, mas mais difícil na segunda.

Passei muito mais tempo da minha vida na vizinhança de Kandahar do que eu poderia desejar. Ainda assim, estarei de volta em breve e, por estranho que pareça, eu aguardo por isso ansiosamente. O desafio, a camaradagem dos companheiros de armas e a possibilidade de ajudar a trazer paz a uma parte violenta do mundo importam para mim. Perdi amigos nas duas guerras, e as duas me mantiveram longe da minha família. Há muitos sentimentos envolvidos nesta história que são difíceis de expressar, mas assim é a vida de um soldado. **MR**

REFERÊNCIAS

1. A *BTR-40* foi fabricada entre 1950 e 1960 como uma viatura blindada de reconhecimento. Cem delas foram enviadas ao Afeganistão, como parte de um programa de assistência militar entre 1959 e 1960.

2. As armas capturadas eram uma forma que o comandante tinha para demonstrar efetividade e endossar seus relatórios. A evacuação de outros tipos de material bélico era difícil, mas as armas capturadas quase sempre eram evacuadas.

3. “Huljatud Linna Valvurid Válisilm”, [Guardiões da Cidade Abandonada], Televisão Nacional Estoniana, jan. 2008.